

UMA PAISAGEM DO MEDO:

Análise descritiva do entorno do Paço Municipal

Davimar de Souza Nunes

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes (PPGLA) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Possui Graduação no curso de Letras pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) (2022).

Maria Evany do Nascimento

Doutora em Design pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC- Rio (2014). Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2003). Professora da Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas – UEA e do Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes – PPGLA/UEA. E-mail: mednascimento@uea.edu.br.

Resumo: Este trabalho surge do interesse na área da Geografia e da Arquitetura, por isso propomos um diálogo interdisciplinar justificado a partir da leitura de dois trabalhos: “A violência e a (re)produção do espaço na Região Metropolitana de Manaus: uma análise dos reflexos da violência no espaço urbano de Manacapuru/AM” (2019), de Paulo Lima Júnior, e “Reflexões sobre a arquitetura do Centro Antigo de Manaus entre o século XIX e XX” (2021), de Lauriane Oliveira e Tatiana Santos. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar as fachadas das edificações em logradouros públicos no entorno do Paço Municipal a partir da Arquitetura do Medo, em setembro de 2022. Para isso, adotamos uma análise de natureza descritiva por meio da observação sistemática, a partir da delimitação do recorte espacial, descrevendo os elementos que representam sentimentos de insegurança e medo materializados nas edificações com base nos conceitos discutidos por Milton Santos, que são a forma, a função, a estrutura e o processo. A partir das análises realizadas, podemos compreender como estes sentimentos dominam os moradores que habitam e vivenciam o cotidiano do entorno da Praça Dom Pedro II e se materializam em suas moradias, mudando significativamente as suas arquiteturas.

Palavras-chave: Logradouro Público; Arquitetura do Medo; Paço Municipal.

Abstract: This article arises from an interest in the area of Geography and Architecture, which is why we propose an interdisciplinary dialogue justified by reading two works: “Violence and the (re)production of space in the Metropolitan Region of Manaus: an analysis of the reflections of violence in the urban space of Manacapuru/AM” (2019), by Paulo Lima Júnior, and “Reflections on the architecture of the Old Center of Manaus between the

19th and 20th centuries” (2021), by Lauriane Oliveira and Tatiana Santos. Therefore, the objective of this research was to analyze the facades of buildings in public areas around the Municipal Palace from Architecture of Fear, in September 2022. To achieve this, we adopted a descriptive analysis through systematic observation, based on the delimitation of the spatial outline, describing the elements that represent feelings of insecurity and fear materialized in buildings based on the concepts discussed by Milton Santos, which are form, function, structure and process. From the analyzes carried out, we can understand how these feelings dominate the residents who live and experience daily life around Dom Pedro II Square and materialize in their homes, significantly changing their architecture.

Keywords: Public place; Architecture of Fear; City Hall.

Introdução – O começo e o Espaço

A proposta para a realização desta pesquisa surge numa disciplina do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas - UEA, ministrada por Maria Evany do Nascimento. A partir do interesse na área da Geografia e da Arquitetura, propomos uma pesquisa interdisciplinar justificada a partir da existência de dois trabalhos.

O primeiro seria o Trabalho de Conclusão de Curso defendido em 2019, intitulado “A violência e a (re)produção do espaço na Região Metropolitana de Manaus: uma análise dos reflexos da violência no espaço urbano de Manacapuru/AM”, de Paulo Cardoso de Lima Júnior. Esta pesquisa é uma trajetória advinda de uma Iniciação Científica, ambos os trabalhos orientados pelo professor Isaque dos Santos Sousa do Curso de Licenciatura em Geografia também da Universidade do Estado Amazonas - UEA.

O segundo seria o artigo “Reflexões sobre a arquitetura do Centro Antigo de Manaus entre o século XIX e XX”, que compõe parte da Dissertação intitulada “Casas e a Memória - estudo sobre as edificações residenciais do Centro Histórico de Manaus”, defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas – PPGICH também da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, em 2023, de Lauriane Teixeira de Oliveira, sendo orientada pela professora Tatiana de Lima Pedrosa Santos. A partir de ambas as análises citadas, construímos como objeto central desta pesquisa uma abordagem entre a reprodução da violência no espaço urbano e a observação das edificações no Conjunto Urbano tombado pelo IPHAN.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é analisar as fachadas das edificações em logradouros públicos no entorno do Paço Municipal a partir da Arquitetura do Medo. Compreendemos o conceito de logradouros

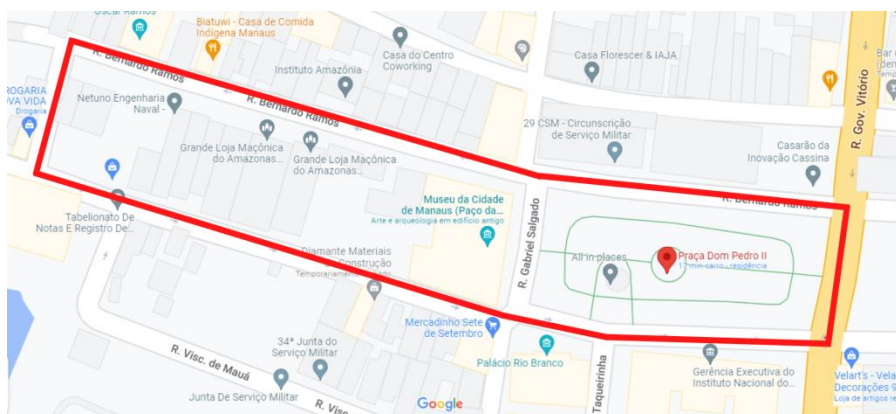
públicos a partir de Maria Evany do Nascimento, que os apresenta como “[...] ruas, becos, praças, jardins de prédios públicos acessíveis aos passantes. Estes percursos possíveis de serem feitos a pé e sem a necessidade de autorização de uso foram entendidos como logradouros públicos” (2014, p. 84).

Ao analisar logradouros públicos, a pesquisa nos permite, então, adotar uma análise de natureza descritiva por meio de uma observação sistemática (Gil, 2002, p. 42). Ou seja, a partir da delimitação do recorte espacial observaremos e descreveremos os elementos que representam sentimentos de insegurança e medo materializados nas edificações no entorno do Paço Municipal. Na dissertação “Arquitetura do Medo: cinema, espaços urbanos e tensões sociais”, Gabriela Silva apresenta onde surgem e o que seriam essas materializações da Arquitetura do Medo:

[...] o que inicialmente parece um caminho natural para a proteção dos bens materiais e a manutenção do bem-estar da população acabou transformando-se ao longo dos séculos, chegando ao que hoje alguns teóricos – é possível ver o termo em Bauman (2009), Bittencourt (2012), e Lira (2014) apontam como uma “arquitetura do medo”. O termo, grafado primeiramente por Nan Ellin (1997), dá conta de todo um conjunto de dispositivos tecnológicos, soluções arquitetônicas e conceituais a fim de proporcionar mais segurança ao indivíduo na cidade grande, mesmo às custas do seu isolamento social e afetivo (Silva, 2016, p. 22).

Sendo visitado em setembro de 2022, o recorte espacial foi delimitado em trechos de três ruas e uma avenida, como representado na Figura 1. A primeira seria a Rua Governador Vitório, no trecho em frente à Praça Dom Pedro II, onde será analisado dois edifícios presentes na esquina com a Avenida 7 de Setembro. A segunda seria a Rua Bernardo Ramos, onde observaremos diversas residências e estabelecimentos, como a frente de uma Loja Maçônica e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA. A continuidade será na breve Rua TV Carolina, que também apresenta formas relevantes para esta pesquisa. Por fim, encerramos a análise na Avenida 7 de Setembro, onde observaremos também mais algumas edificações, além dos fundos da Loja Maçônica citada.

Figura 1: Recorte Espacial – Região do Paço Municipal



Fonte: Google – Adaptações: As autoras

Na obra “Geografia do crime e arquitetura do medo: uma análise dialética da criminalidade”, Pablo Lira compreende a violência e o urbano como fenômenos sociais que se correlacionam (2017, p. 63). Em sua análise, ele apresenta a importância de quatro aspectos para abordagem do estudo urbano. Estes aspectos foram aplicados e amplamente discutidos por Milton Santos, sendo eles: a forma, a função, a estrutura e o processo. Para compreender melhor estes aspectos, recorreremos a Estevão Garbin e Fernando Santil, no artigo “Forma, função, estrutura e processo: as categorias miltonianas sob a perspectiva da lógica formal”.

A *forma* é fruto do espaço e do tempo, pois o valor que ela recebe é social. Esse valor não condiz com o presente, mas com os resíduos do pretérito. A forma sendo um aspecto visual, sempre indicará uma função, ou seja, uma serventia que pode ser transformada pelo tempo. Portanto, a forma jamais é vazia de significado (Garbin; Santil, 2020, p. 142).

A *função* pode exercer uma tarefa esperada por uma forma, por uma pessoa ou por uma instituição, possuindo significados distintos a depender do contexto, seja econômico, cultural ou social. A função, portanto, é o que proporciona razão à forma (Garbin; Santil, 2020, p. 142).

A forma releva apenas uma parcela da totalidade, enquanto a *estrutura* é a relação entre as partes desta totalidade, ou seja, ela se debruça sobre as funções e seu contexto. A estrutura compreende uma organização na sociedade, ou seja, há uma sistemática “na qual exigem formas adequadas para o cumprimento de funções: ela pressupõe que a realidade social não é mergulhada no caos, mas que apresenta uma ordem em sua organização” (Kosik, 2002 apud Garbin; Santil, 2020, p. 143).

Uma pausa na apresentação dos conceitos é válida para uma breve associação e exemplificação. Na tese “Arquitetura do Medo em Fortaleza”, Antonio Aragão apresenta uma série de dicotomias que são explicitadas pela

arquitetura em questão, são elas: “seguro e inseguro; privado e público; ricos e pobres, bons (cidadãos) e maus (‘elementos’)” (2017, p. 7). Essas relações indissociáveis podem ser percebidas a partir do conceito de estrutura, pois ela compreende esta organização social.

Por fim, o último conceito é o de *processo*, que seria um movimento contínuo que perpassa o passado e presente, caminhando para o futuro, proporcionando “o dinamismo à forma, à função e à estrutura do espaço geográfico, transformando-as e sendo transformada por eles” (Garbin; Santil, 2020, p. 143). Sendo assim, analisaremos estes quatro aspectos no recorte espacial proposto.

DOS TEMPOS ÁUREOS AOS ALTOS ÍNDICES DE VIOLÊNCIA

O recorte espacial deste trabalho está aos arredores do Paço Municipal, um dos seus componentes é a Praça Dom Pedro II. No site do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), há uma breve introdução sobre ela:

Inaugurada em 1897, era inicialmente cercada de gradis, removidos em 1907 e instalados na entrada sul do Mercado Adolpho Lisboa, onde permanecem até os dias atuais. Possui um coreto em ferro, concluído em 1888, feito pela empresa inglesa Francis Morton & Cia. Limited Engineer, de Liverpool, e um chafariz também de ferro. A Praça foi construída sobre um cemitério indígena, descoberto no final do século XIX, e registrado como sítio arqueológico na década de 60 do século XX (IPHAN, s.d.).

Na dissertação “Entre o passado e a “modernidade”: uso e ressignificação do espaço público Praça Dom Pedro II-Manaus/AM”, William Rodrigues Pereira, ao apresentar imagens pertencentes ao arquivo do IPHAN, possibilita observar a Praça Dom Pedro II em seus primórdios. Ao lado, acrescentamos a fotografia do Mercado Adolpho Lisboa, feita pela Tereza Cidade, do site Amazonas e Mais, onde podemos observar a realocação das grades mencionada pelo IPHAN:

Figura 2: A forma e a nova função



Fonte: Acervo IPHAN (1893) / Cidade, T. (2015)

Não apenas a Praça, como também todo o Paço Municipal são patrimônios materiais. Para o IPHAN (s.d.), “os bens tombados de natureza material podem ser imóveis como as cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais [...]”. Pereira (2021, p. 54) apresenta um mapa do Conjunto Urbano Tombado pelo IPHAN que é o Centro Histórico de Manaus.

Figura 3: Mapa do Conjunto Urbano



Fonte: Acervo IPHAN (2010)

Lauriane Teixeira de Oliveira e Tatiana de Lima Pedrosa Santos, no artigo “Reflexões sobre a arquitetura do Centro Antigo de Manaus entre o século XIX e XX”, apresentam as motivações que criaram a arquitetura do Centro Histórico. Segundo as autoras, a *Belle Époque*, um movimento europeu, influenciou diretamente Manaus por meio de vestimentas, hábitos, costumes e a arquitetura da cidade (2021, p. 3). Para elas,

A arquitetura do Centro Histórico de Manaus é a materialização dos anseios, aspirações e expressões da sociedade europeia, e, sobretudo daquela parcela manauara que também se ancorava na ideia de ser palco das riquezas e de prosperidade, e que temporariamente ditou as regras no mercado internacional (Oliveira; Pedrosa, 2021, p. 6).

Na tese intitulada “Do discurso à cidade: políticas de patrimônio e a construção do espaço público no Centro Histórico de Manaus”, Nascimento apresenta dois grupos de espaços públicos, os revitalizados e os não-revitalizados. O recorte temporal de sua pesquisa foi feito no período do ano de 1997 ao ano de 2012. Sendo assim, a Praça Dom Pedro II, ainda compunha o grupo de espaços públicos não-revitalizados (2014, p. 89).

É válido acrescentar que em 2015, no mandato de Arthur Virgílio Neto como prefeito do município de Manaus, houve a criação do “Projeto de Ocupação Cultural do Centro Histórico da Capital Amazonense”. Sendo assim, não apenas a Praça Dom Pedro II, mas como todo o seu entorno estão em um processo de revitalização constante. Pois, nestes espaços ocorre anualmente o “Festival Passo à Paço”. Segundo o atual prefeito David Almeida, que, aliás, intitulou o festival como “Sou Manaus – Passo a Paço”, definiu proposta do evento em uma entrevista, como:

é valorizar o Centro de Manaus, reavivar e promover a valorização cultural do Paço da Liberdade, parte integrante do Patrimônio Histórico do Município de Manaus, e de seu entorno (Praça Dom Pedro II, Rua Bernardo Ramos, outros) (Almeida, 2022, n.p.).

Na disciplina anteriormente mencionada, foi proposta uma observação deste espaço em momentos distintos. O primeiro seria a recepção do festival e o segundo seria após o festival, ou seja, um dia comum e aleatório da semana. No ano de 2022, o festival recebeu 380 mil pessoas, o que surpreende é uma espécie de “efeito Cinderela” sofrida pelo espaço, pré e pós o evento. Pois, o que seria considerado um dia comum nesta região, há um número de transeuntes ínfimo, entre moradores de rua, turistas e aqueles que trabalham aos arredores.

O objetivo deste artigo é análise da paisagem fixa ao entorno desta área, portanto, é imprescindível a compreensão dos processos histórico-sociais que a perpassaram. Na tese citada, Nascimento dedica um subcapítulo intitulado “Praça Dom Pedro II”, onde descreve momentos cruciais vivenciados por este espaço.

A praça fica localizada entre a Av. 7 de Setembro e a Rua Bernardo Ramos, em seu entorno estão o Museu da Cidade de Manaus, o Palácio Rio Negro e o Casarão da Inovação Cassina, todos compõem o Paço Municipal. A autora apresenta a história destes prédios com seus respectivos nomes e funções anteriores:

No entorno da praça, estão o Paço Municipal, onde funcionou a Prefeitura até o final dos anos 1990; o Arquivo Público; o Palácio Rio Branco, prédio com características ecléticas, mas que foi inaugurado nos anos de 1930; e as ruínas do Hotel Cassina, que fora um dos espaços frequentados pela elite da borracha, que depois do declínio desta, passou a ser chamado de Cabaré Chinelo (Nascimento, 2014, p. 90).

Apesar de passar por algumas revitalizações na primeira década do séc. XXI, Nascimento afirma que não houve grandes mudanças, a não ser pela mão de tinta verde no coreto e na fonte decorativa da Praça Dom Pedro II (2014, p. 90). Ela também alerta para a prostituição que ainda era presente naquele espaço, causando situações desconfortáveis aos transeuntes (2014, p. 91). Atualmente, foram acrescentados pisos à praça, que era de terra batida. Em relação à prostituição, ela se dispersou para outros locais no Centro Histórico, porém a permanência de moradores de rua ainda continua.

A partir desta narrativa, podemos perceber os altos e baixos presenciados por este espaço que foi um lugar de “teatros, bares, cabarés, cafés e edifícios públicos” (Nascimento, 2014, p. 90 *apud* FUMTUR, 1996) e hoje tenta reivindicar um público que não possui natureza constante. Ao pensarmos nestes processos nos questionamos como eles teriam influenciado a paisagem fixa ao seu redor, principalmente a fachada dos prédios. Algo que influencia a arquitetura ou as suas modificações e não está presente apenas no Paço Municipal, mas em todo o Centro Histórico é os índices de violência.

A Secretaria de Segurança Pública – SSP apresentou índices de violência a partir da categoria de crimes. De janeiro a agosto, na capital do Amazonas, houve o total de 641 homicídios, com o pico no mês de maio, sendo 106 relatados. De janeiro a junho, houve 21 casos de latrocínios. A Secretaria não apresenta índices detalhados, como os dados de cada bairro. Para isso, fizemos um breve levantamento de matérias jornalísticas que relatassem crimes na região do Centro Histórico de Manaus. Apenas no ano de 2022, encontramos cerca de onze matérias que relatam diversos homicídios, latrocínios, assaltos e furtos.

Algumas ruas e avenidas se destacaram pelos repetidos índices de criminalidade, como: Quintino Bocaiuva e Joaquim Nabuco. Outras ruas e avenidas foram citadas como: 7 de Setembro, Frei José dos Inocentes, Lobo D'Almada e Ramos Ferreira. Em relação ao recorte espacial, o trecho entre a Avenida Joaquim Nabuco e a Rua Quintino Bocaiuva possui uma distância a pé de cerca de 1 km. Enquanto, a Avenida 7 de Setembro e Avenida Ramos Ferreira ficam a cerca de 1,3 km de distância. As mais próximas, são a Rua Lobo D'Almada, a 500 metros, e a Rua José Frei dos Inocentes sendo apenas a 95m da Praça Dom Pedro II.

A qual conta com alguns prédios como o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas – IGHA que possui duas entradas, a primeira sendo pela Rua Bernardo Ramos e a segunda pela Rua José Frei dos Inocentes, que é paralela ao recorte desta pesquisa. No final desta rua, há uma área de várzea ao lado do 9º Distrito Naval da Marinha do Brasil, a qual ocorreu um homicídio na primeira semana de novembro de 2022, por causas desconhecidas.

É válido acrescentar que a maioria das vítimas de homicídio no Centro Histórico de Manaus, possuíam histórias anteriores relacionadas a crimes de diversas naturezas, como tráfico de drogas, roubos qualificados, entre outros. A partir da apresentação destes índices de criminalidade relatados em diversos jornais, podemos compreender o mínimo dos motivos para o sentimento de medo e insegurança nos moradores desta região da cidade. Frisamos o mínimo, pois este levantamento de dados se restringe apenas ao ano de 2022, o que nos permite questionar os dados dos anos anteriores e até mesmo os casos que não foram relatados às delegacias ou aos jornais.

A hipótese desta pesquisa se pauta na temática denominada Arquitetura do Medo, que seria a materialização destes sentimentos citados nas edificações ao entorno do Paço Municipal. Esta materialização resulta em modificações e alterações perceptíveis nas fachadas de prédios que são tombados pelo IPHAN. As alterações são permitidas, desde que haja aprovação por parte do órgão que efetuou o tombamento e a preservação das características que ocasionaram o tombamento se mantenham (IPHAN, s.d.). Porém, deve se considerar que nem todas as alterações buscam as autorizações devidas, fora as mudanças ocasionadas pelo tempo e clima.

A materialização do Medo e da Insegurança

Na obra “O cortiço” de Aluísio Azevedo, o espaço ganha vida e se torna o personagem principal da narrativa. Nesta análise, são os sentimentos de Medo e Insegurança que são percebidos como personificações, pois eles

influenciaram toda a narrativa deste trabalho. Para Aragão, “O medo leva os usuários da cidade à invenção de diferentes formas de relação consigo e com a cidade ao longo do tempo” (2017, p. 61).

Neste sentido, compreendemos que o medo é algo natural e herdado de antepassados, modificando-se conforme o contexto e a evolução histórica. O que um dia foi o medo de um “homem com saco preto que sequestrava crianças”, hoje se tornou o medo de “dois homens que assaltam em uma moto”. Aragão enfatiza, portanto:

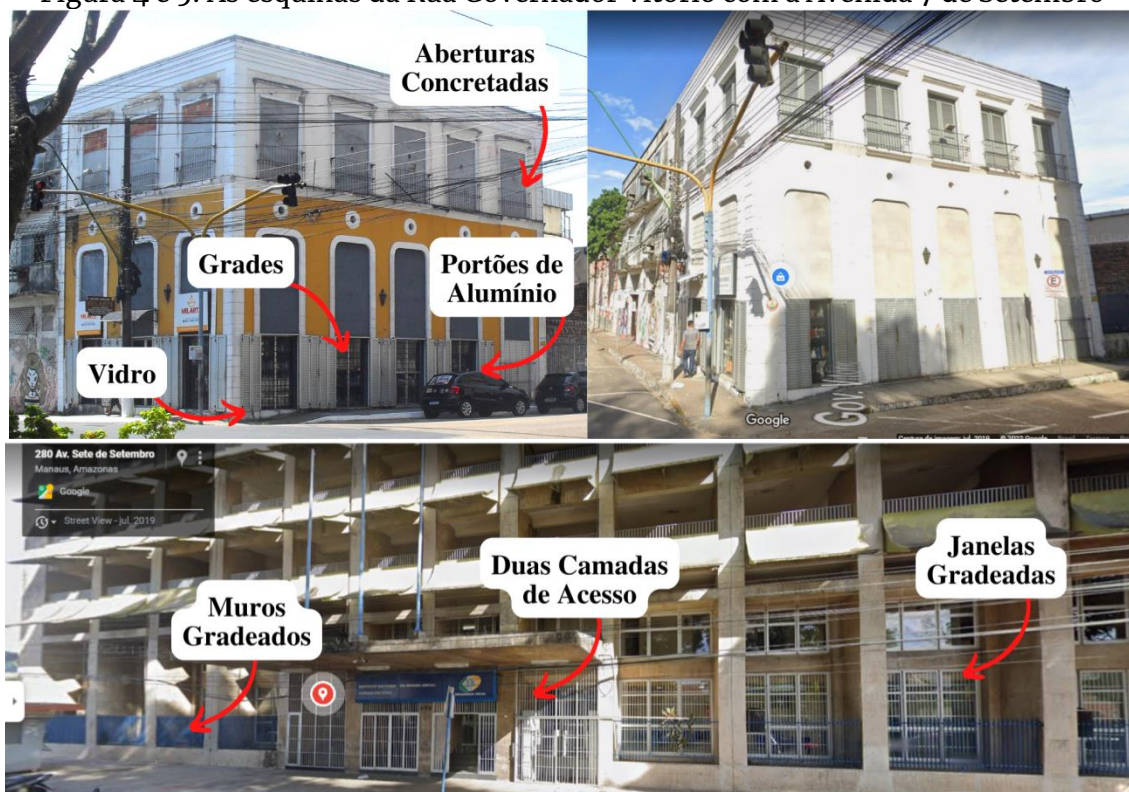
o medo é natural, humano e muitas vezes incontrolável. É perfeitamente normal ter medo de assaltos e outras violências sofridas nas cidades, como também é normal ter medo de escuro não apenas porque lá podem estar escondidas pessoas mal intencionadas, mas também, porque medo do escuro é um medo herdado de antepassados, como muitos outros (Aragão, 2017, p. 61).

Ao pensarmos nos medos ocasionados pelo próprio Paço Municipal ou o seu entorno, conseguimos associá-lo ao “efeito Cinderela” citado anteriormente. Pois, Aragão acrescenta que

embora já se tenha notícias de violências e arrastões em centros comerciais, o fato de haver mais vigilância que nas ruas inibe mais criminosos que buscam lugares menos protegidos, como praças pouco frequentadas e ruas desertas e escuras (2017, p. 63).

Conseguimos perceber a Praça Dom Pedro II como um lugar menos protegido, pois na visita de campo, não encontramos a presença de policiamento para assegurar aquele espaço, além de ser um lugar pouco visitado, proporcionando ruas desertas mesmo durante o dia. As imagens a seguir, foram coletadas de diferentes fontes. Há imagens autorais, capturadas em uma visita de campo que ocorreu no dia 28 de setembro de 2022; há também capturas da fotógrafa Jéssica Santos Silva, também presente nesta visita de campo citada; e imagens coletadas pelo *Google Maps*, em julho de 2019.

Figura 4 e 5: As esquinas da Rua Governador Vitório com a Avenida 7 de Setembro



Fonte: A autora (2022) / Google Maps (2019)

As imagens proporcionadas pelo *Google Maps* na ferramenta *Street View*, nos ajudaram a perceber mudanças ocasionadas em relação à segurança no recorte de tempo de três anos, ou seja, de 2019 a 2022. Apesar de o “Festival Passo a Paço” já está consolidado neste período, houve mudanças significativas no prédio apresentado na primeira imagem (Figura 4). Uma possível motivação poderia ser a Pandemia do Covid-19, tendo em vista que é um prédio comercial e provavelmente teve que ser fechado neste período de isolamento social, onde as festividades também foram suspensas.

Ao analisar suas formas percebemos o acréscimo de grades, uma segunda camada de proteção, além dos portões de alumínio que são fechados no encerramento do expediente. Algo também curioso é a remoção das portas e o isolamento destas aberturas sendo cimentadas.

Na sede do Instituto Nacional do Seguro Social – INSS, que é um órgão público, a materialização da insegurança não é diferente, há diversas camadas de grades acrescentadas ao longo dos anos. É possível perceber a diferença de tempo entre elas, pelas formas e materiais distintos, algumas sendo de ferro e outras de alumínio.

Figura 6 e 7 – Edificações na lateral direita da Praça Dom Pedro II



Fonte: Google Maps (2019)

Após a análise do início do recorte espacial nas esquinas da Rua Governador Vitório com a Avenida 7 de Setembro, partimos para a Rua Bernardo Ramos, uma das laterais da Praça Dom Pedro II. Alguns prédios também apresentam a materialização da insegurança e medo, um sendo pertencente ao Poder Público e o outro às Forças Armadas (Figura 6 e 7). Ao adentrarmos a Rua Bernardo Ramos, percebemos como o projeto de revitalização daquele espaço foi eficaz. As fachadas foram restauradas, recebendo mãos de tinta e sendo retomadas as características originais (Figura 8).

Figura 8: A revitalização na Rua Bernardo Ramos



Fonte: Silva, J. S. (2022) / Google Maps (2019)

Porém, há detalhes que denunciam a insegurança como uma campainha eletrônica gradeada em um consultório médico ou a

permanência de um contador gradeado após a restauração da fachada residencial (Figura 8).

Figura 9: Fachada da Loja Maçônica



Fonte: Silva, J. S. (2022)

Vale acrescentar que é possível acompanhar os processos de revitalização da Rua Bernardo Ramos até certo ponto onde se localiza o Centro Cultural Óscar Ramos, na lateral direita de quem está a caminhar em direção ao Rio Negro. Indicamos também que este processo é lento, não sendo possível ocorrer imediatamente, pois depende de uma série de fatores. A comunidade maçônica influencia visualmente uma metragem longa deste espaço, possuindo diversas edificações revitalizadas com cores vivas. Há uma representação da Arquitetura do Medo descrita em suas fachadas, como o acréscimo de grades antifurto e janelas e portas gradeados (Figura 9). O que é completamente diferente dos fundos das edificações localizadas na Av. 7 de Setembro (Figura 16).

Figura 10: A casa do despertar



Fonte: A autora (2022)

A edificação residencial nº 101, da Rua Bernardo Ramos, foi a motivação desta análise (Figura 10). Na visita de campo que ocorreu em setembro de 2022, nos surgiu um questionamento: “como uma casa permanece com muros baixos e se mantém segura nos tempos atuais?”. Ao analisarmos as formas que compõem esta edificação percebemos diversas materializações da Arquitetura do Medo.

Apesar de manter o modelo de fachada original, diversos aparatos foram acrescentados, como todas as portas e janelas gradeadas, grades antifurto acima do primeiro andar da casa, além de caixas de ar-condicionado também gradeadas. Ou seja, toda e qualquer tentativa de acesso indevida à casa é impedida pelo uso excessivo de gradis, o que deve proporcionar segurança aos donos. Lima explica como estes sentimentos modificam o espaço:

Mudanças comportamentais da população, espaciais e na paisagem da cidade, representadas por novos aparatos de proteção contra possíveis atos criminosos, como a instalação de câmeras de segurança, cercas elétricas, janelas e portas com grades de ferro, entre outras formas, evidenciam o medo e o sentimento de insegurança da população, sendo essas mudanças também, uma forma de materialização desse sentimento que os moradores locais vivem (Lima Júnior, 2019, p. 49).

As formas citadas por Lima se intensificam na medida em que adentramos cada vez mais a Rua Bernardo Ramos. As grades que até então se

intercalavam entre uma casa e outra, agora se tornam manifestações fixas na paisagem. Quando não há grades, há muros altos e cercas elétricas que impedem a visibilidade para dentro das edificações (Figura 11). E ao mesmo tempo que provocam o sentimento de auto-segurança em seus moradores, externalizam aos transeuntes os sentimentos de medo e insegurança desta região.

Figura 11: A materialização se intensificando



Fonte: A autora (2022) / Google Maps (2019)

Figura 12: A curta TV Carolina



Fonte: A autora (2022) / Google Maps (2019)

Ao final do quarteirão, há a curta Rua TV Carolina que interliga a Rua Bernardo Ramos e Av. 7 de Setembro. As casas não possuem entradas por ela, apenas laterais muradas. Uma única casa possui duas janelas, com a ferramenta de *zoom* do *Google Maps*, descobrimos que são janelas venezianas – uma espécie de grade envidraçada, porém lhes foi acrescentado uma segunda camada de grades largas, o que impede a visualização para dentro da casa. Em uma comparação entre a fotografia de 2022 e a captura de 2019, percebemos o acréscimo de cerca farpada no muro mais baixo à direita (Figura 12).

Figura 13 e 14: Edificações da Av. 7 de Setembro



Fonte: Google Maps (2019)

O final do recorte espacial desta pesquisa ocorre na Avenida 7 de Setembro. Apesar da área em torno do Paço Municipal encontrar-se no projeto de revitalização do Centro Histórico, a avenida que se inicia nas margens do Rio Negro não recebeu estas modificações ainda. A área é composta de edificações de duas naturezas: as habitadas e as abandonadas. O ápice da realização da Arquitetura do Medo ocorre neste espaço.

Todas as edificações apresentam diversos elementos de segurança sem exceções. Uma destas edificações possui três camadas de grades na janela, até mesmo a saída de ar é gradeada (Figura 13). O que nos faz perceber que o sentimento de insegurança neste espaço é maior que os demais analisados. Lima faz uma diferenciação relevante em relação aos elementos de segurança:

A população residente em regiões da cidade tidas como áreas nobres, utiliza-se de maneiras mais sofisticadas, como por exemplo, a instalação de cercas elétricas e contratação de outros serviços de segurança privada mais caros, enquanto a população residente em regiões periféricas adapta-se conforme suas condições financeiras. As residências e demais

construções dessas áreas, passam a possuir grades não só de metal, mas também de madeira, sobre os muros são postos cacos de vidro e a criação de animais, como cães de guarda, também são medidas de adotadas (Lima Júnior, 2019, p. 50).

No caso desta análise, não foi necessário buscar uma comparação em outra região da Cidade de Manaus, pois na Avenida 7 de Setembro, há representação de ambas as formas de materialização da insegurança, tanto as mais caras, quanto as mais acessíveis financeiramente. No espaço em que há edificações abandonadas, percebemos diferentes tipos de isolamento, seja por grades e portões de ferro, ou até mesmo madeira.

Em algumas delas, é possível perceber sinais de arrombamento. Vale acrescentar que muitas moradias abandonadas no Centro Histórico da cidade servem como refúgio para moradores de rua. Na maioria das vezes, estas edificações são patrimônios tombados (Figura 15).

Figura 15: Edificações abandonadas na Av. 7 de Setembro



Fonte: A autora (2022) / Google Maps (2019)

Os fundos das edificações pertencentes à comunidade maçônica encontram-se também na Avenida 7 de Setembro. Enquanto as fachadas localizadas na Rua Bernardo Ramos possuíam elementos de segurança um tanto quanto brandos aos olhos, os fundos possuem uma série de elementos até mesmo surpreendentes. Utilizando novamente a ferramenta de *zoom* do *Google Maps*, podemos perceber o que até então seriam elementos comuns nesta análise, como janelas gradeadas.

Porém ao ampliarmos a imagem, nota-se que a Loja Maçônica se utiliza de câmeras de segurança nas extremidades dos prédios, de portões com grades que são gradeadas, todas as ventoinhas também receberam uma

camada de proteção, além do mesmo método utilizado na Rua Tv Carolina, venezianas reforçadas com uma segunda camada de grades (Figura 16).

Figura 16: Os fundos da Loja Maçônica



Fonte: Google Maps (2019)

Por fim, observamos a estrutura do Museu da Cidade de Manaus, localizado com os entornos na Rua Bernardo Ramos e Avenida 7 de Setembro, e do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas - IGHA, localizado com a fachada na Rua Bernardo Ramos e os fundos na Rua José Frei dos Inocentes.

O IGHA apresenta a presença mais imponente de elementos que materializam a insegurança, pois todos os seus portões possuem grades fixas, a não ser pela porta de entrada. O Museu é um dos prédios mais convidativos do Paço Municipal, pois as únicas grades que possui estão no Jardim, que se apresenta mais como barreira para delimitar o espaço, do que uma proteção em si (Figura 17).

Figura 17: Museu da Cidade de Manaus e Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas



Fonte: Google Maps (2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS – A FORMA, A FUNÇÃO, A ESTRUTURA E O PROCESSO

Para este encerramento, após a análise descritiva por meio da observação de elementos que característicos da Arquitetura do Medo, propomos a identificação dos conceitos desenvolvidos por Milton Santos, sendo eles: a forma, a função, a estrutura e o processo.

A forma que tem aspecto visual e valor social seria identificada, portanto, como os elementos supracitados na análise descritiva, ou seja, os gradis, as câmeras de segurança, os muros altos, as cercas farpadas e elétricas. A função está interligada ao valor social da forma, pois sua serventia é interpretada a partir do ponto de vista de quem a visualiza. Na perspectiva dos moradores, a serventia é de autoproteção, mas e aos demais, não seria uma autossegregação?

A análise desta temática não é objetivo inicial desta pesquisa, porém pretendemos expandi-la em um futuro próximo e abordar o método crítico-dialético a fim de acrescentar também entrevistas, o que nos proporcionará espaço para esta discussão. Em relação à estrutura, percebemos justamente as dicotomias citadas por Aragão (2017), ou seja, o seguro e inseguro, o público e o privado, o rico e o pobre, o habitado e abandonado, o revitalizado e o não revitalizado, entre várias outras relações interdependentes.

O último conceito seria o de processo e ele é analisado a partir do passado, presente e futuro. Então, ao pensarmos no passado do entorno do Paço Municipal, tínhamos um lugar solícito e relevante para o Centro Histórico de Manaus, onde as grades no entorno da Praça Dom Pedro II foram até removidas.

Ao passar dos anos, ele perdeu esta referência, se tornando um lugar abandonado e com índices de violência, o que ocasionou no acréscimo de diversos elementos de segurança em distintas edificações, como analisado no tópico anterior.

Atualmente, está em um lento processo de Revitalização que pode ou não ocasionar a sua inserção na rota turística manauara. Nascimento (2014) atentou que o espaço passou por processos de revitalização anteriormente, porém não se teve êxito. Com a criação do “Festival do Paço Municipal”, o espaço revive os tempos áureos em um período estipulado do ano.

Seria impossível fazer especulações futuras sobre o Paço Municipal, mas ao pensarmos numa referência de turismo na capital do Amazonas que é o Largo de São Sebastião, percebemos o oferecimento de diversos serviços ao seu redor, como bares, restaurantes e eventos gratuitos. Isto ainda está em falta no Paço Municipal, se houver estes espaços de interação constantes, talvez a Arquitetura do Medo se disperse.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, ANTONIO CAETANO TEIXEIRA PAZ. **ARQUITETURA DO MEDO EM FORTALEZA**. 165 F. TESE (DOUTORADO). UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, FACULDADE DE ARQUITETURA, 2017.

CIDADE, TEREZA. **MERCADO ADOLPHO LISBOA TEM PRODUTOS REGIONAIS E BELEZA ARQUITETÔNICA**. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.AMAZONASEMAIS.COM.BR/MANAU/MERCADO-ADOLPHO-LISBOA-TEM-PRODUTOS-REGIONAIS-E-BELEZA-ARQUITETONICA/](https://www.amazonasemais.com.br/manaus/mercado-adolpho-lisboa-tem-produtos-regionais-e-beleza-arquitetonica/). ACESSO EM: 23 NOV. 2022.

GARBIN, ESTEVÃO PASTORI; SANTIL, FERNANDO LUIZ DE PAULA. FORMA, FUNÇÃO, ESTRUTURA E PROCESSO: AS CATEGORIAS MILTONIANAS SOB A PERSPECTIVA DA LÓGICA FORMAL. **GEOINGÁ: REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA MARINGÁ**, V. 12, N. 1, P. 131-154, 2020. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.UEM.BR/OJS/INDEX.PHP/GEOINGA/ARTICLE/VIEW/51155](https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/GEOINGA/article/view/51155). ACESSO EM: 20 SET. 2023.

GIL, ANTONIO CARLOS. **COMO ELABORAR PROJETOS DE PESQUISA**. 4. ED. SÃO PAULO: EDITORA ATLAS, 2002.

GOOGLE. **GOOGLE MAPS**. 2019. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.GOOGLE.COM.BR/MAPS](https://www.google.com.br/maps). ACESSO EM: 27 NOV. 2022.

IPHAN. **PATRIMÔNIO MATERIAL**. [S.D.]. DISPONÍVEL EM: [HTTP://PORTAL.IPHAN.GOV.BR/](http://portal.iphan.gov.br/). ACESSO EM: 27 NOV. 2022.

KOSIK, K. **DIALÉTICA DO CONCRETO**. 7. ED. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 2002.

LIMA JÚNIOR, PAULO CARDOSO. **A VIOLÊNCIA E A (RE)PRODUÇÃO DO ESPAÇO NA REGIÃO METROPOLITANA DE MANAUS: UMA ANÁLISE DOS REFLEXOS DA VIOLÊNCIA NO ESPAÇO URBANO DE MANACAPURU/AM**. 64 F. MONOGRAFIA (GRADUAÇÃO). UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS, CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA, 2019.

LIRA, PABLO SILVA. **GEOGRAFIA DO CRIME E ARQUITETURA DO MEDO: UMA ANÁLISE DIALÉTICA DA CRIMINALIDADE VIOLENTA E DAS INSTÂNCIAS URBANAS**. 2. ED. RIO DE JANEIRO: LETRA CAPITAL: OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2017.

NASCIMENTO, MARIA EVANY. **DO DISCURSO À CIDADE: POLÍTICAS DE PATRIMÔNIO E A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO NO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS**. 243 F. TESE (DOUTORADO) – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, DEPARTAMENTO DE ARTES E DESIGN, 2014.

OLIVEIRA, LAURIANE TEIXEIRA; SANTOS, TATIANA LIMA PEDROSA. REFLEXÕES SOBRE A ARQUITETURA DO CENTRO ANTIGO DE MANAUS ENTRE O SÉCULO XIX E XX. **ANAIS | III CONGRESSO INTERNACIONAL ONLINE DE ESTUDOS SOBRE CULTURAS – #CULTURAS**. 24 E 25 DE SETEMBRO DE 2021, ONLINE.

PEREIRA, WILLIAM RODRIGUES. **ENTRE O PASSADO E A “MODERNIDADE”**: USO E RESSIGNIFICAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO PRAÇA DOM PEDRO II–MANAUS/AM. 117 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL) – UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS, 2021.

PREFEITURA DE MANAUS. **SOU MANAUS PASSO A PAÇO**. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.MANAUS.AM.GOV.BR/NOTICIA/SOU-MANAUS-PASSO-A-PACO/#3](https://www.manaus.am.gov.br/noticia/sou-manaus-passo-a-paco/#3). ACESSO EM: 23 NOV. 2022.

SECRETARIA DO ESTADO DO AMAZONAS. **ESTATÍSTICAS**. DISPONÍVEL: [HTTPS://WWW.SSP.AM.GOV.BR/SSP-DADOS/](https://www.ssp.am.gov.br/ssp-dados/). ACESSADO EM: 27 NOV. 2022.

SILVA, GABRIELA ALCÂNTARA SIQUEIRA. **ARQUITETURA DO MEDO: CINEMA, ESPAÇOS URBANOS E TENSÕES SOCIAIS**. 186 F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO) – UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, 2016.

SILVA, JÉSSICA SANTOS. **FOTOGRAFIAS**. ACERVO INTERCIDADE.